

Capítulo Um



Elena penetrou na clareira.

Por debaixo dos seus pés, pedaços de folhas outonais congelavam-se na neve lamacenta. Escurecera, e embora a tempestade começasse a amainar, o bosque estava cada vez mais frio. Elena não sentia o frio.

Também não se importava com a escuridão. As suas pupilas abriram-se completamente, recolhendo partículas de luz que teriam sido invisíveis para um humano. Distinguiu com toda a clareza as duas figuras que mediam forças sob o enorme carvalho.

Uma tinha uma cabeleira espessa e escura que o vento revolvera e convertera num agitado mar de ondas. Era ligeiramente mais alta do que a outra e, apesar de não conseguir ver-lhe o rosto, de alguma maneira soube que os seus olhos eram verdes.

A outra tinha uma mata de cabelos igualmente escuros, mas mais finos e lisos, quase como a pelagem de um animal. Os lábios estavam puxados para trás, mostrando os dentes com fúria, e a graça lânguida do seu corpo estava reunida na pose agachada de ataque de uma pantera. Os seus olhos eram negros.

Elena observou-os durante alguns minutos sem se mexer. Esquecera-se porque fora ali, por que motivo a luta que ecoava na sua mente a arrastara até ali. A tão pouca distância, o clamor da sua raiva, do seu ódio e da sua dor era quase ensurdecedor, como gritos silenciosos provenientes dos combatentes. Estavam envolvidos num combate até à morte.

Pergunto-me qual deles vencerá, pensou. Ambos estavam feridos e sangravam, e o braço esquerdo do mais alto pendia num ângulo antinatural. Contudo, acabava de empurrar o outro contra o tronco retorcido de um carvalho e a sua fúria era tão grande que Elena conseguia senti-la e saboreá-la, tal como ouvi-la, e sabia que estava a proporcionar-lhe uma força incrível.

E então Elena lembrou-se porque fora até ali. Como poderia tê-lo esquecido? Ele estava ferido. A sua mente chamara-a ali, fustigando-a com ondas expansivas de raiva e de dor. Ela tinha ido ajudá-lo, porque lhe pertencia.

As duas figuras estavam agora caídas no chão gelado, a lutar como lobos, grunhindo. Veloz e silenciosa, Elena foi até eles. O de cabelos ondulados e olhos verdes – Stefan, murmurou uma voz na sua cabeça – estava por cima, com os dedos a procurar desesperadamente a garganta do outro. A cólera inundou Elena, a cólera e uma atitude protectora. Estendeu o braço para eles para afastar aquela mão que tentava estrangular, para puxar aqueles dedos para cima.

Nem sequer lhe passou pela cabeça que não seria suficientemente forte para o fazer. Era bastante forte, e isso era suficiente. Lançou todo o seu peso para um lado, arrancando o cativo ao seu

Fúria

opponente. Por via das dúvidas, fez pressão sobre o seu braço ferido, derrubando o atacante de bruços sobre a neve lamacenta coberta de folhas. Depois começou a asfixiá-lo por detrás.

O seu ataque apanhara-o de surpresa, mas não estava de todo vencido. Devolveu o golpe, a mão sã a procurar às cegas a garganta da rapariga. O polegar enterrou-se na traqueia dela.

Elena deu consigo a lançar-se sobre a mão, indo direita a ela com os dentes. A sua mente não compreendia, mas o corpo sabia o que fazer. Os dentes eram uma arma e rasgaram a carne, fazendo o sangue correr.

Porém, ele era mais forte do que ela. Com uma violenta sacudida de ombros, libertou-se dela e retorceu-se entre as suas mãos, atirando-a ao chão. E então foi ele a pôr-se em cima dela, com o rosto contorcido por uma fúria animal. Ela ciciou e lançou-lhe as unhas aos olhos, mas ele afastou a mão com um golpe.

Ia matá-la. Mesmo ferido, era de longe o mais forte. Os seus lábios afastaram-se para trás para mostrar dentes já manchados de escarlate. Como uma cobra, estava pronto para atacar.

Então, deteve-se, debruçando-se sobre ela, enquanto a sua expressão mudava.

Elena viu os olhos verdes a arregalarem-se. As pupilas que tinham estado contraídas em forma de ferozes pontinhos ampliaram-se de repente. Olhava-a fixamente, como se na realidade a visse pela primeira vez.

Porque olhava para ela daquela maneira? Porque não se limitava a acabar com ela? Mas a mão férrea sobre o seu ombro estava

já a afrouxar. O grunhido animal desaparecera, substituído por uma expressão de perplexidade e assombro. Sentou-se para trás, ajudando-a a sentar-se, sem deixar, nem por um instante, de olhar para o seu rosto.

– Elena – murmurou, a voz a quebrar-se. – Elena, és tu.

Essa é quem sou?, pensou ela. *Elena?*

Na realidade, não importava. Dirigiu um olhar veloz em direcção ao velho carvalho. Ele continuava ali, de pé por entre as raízes que sobressaíam da terra, a arquejar, apoiando-se na árvore com uma das mãos. Olhava para ela com os olhos infinitamente negros e as sobrancelhas contraídas numa expressão carrancuda.

Não te preocupes, pensou ela. *Eu consigo dar conta deste. É estúpido.* Depois voltou a atirar-se ao jovem de olhos verdes.

– Elena! – gritou ele enquanto ela o derrubava de costas. A mão sã empurrou-lhe o ombro, sustendo-a no alto. – Elena, sou eu, Stefan! Elena, olha para mim!

Ela olhava, e tudo o que via era o pedaço de pele a descoberto do seu pescoço. Voltou a sibilar, o lábio superior a retroceder para lhe mostrar os dentes.

Ele ficou paralisado.

Sentiu como a comoção se reflectia por todo o corpo do jovem, viu que o seu olhar se quebrava. O rosto adquiriu a mesma palidez que teria se alguém lhe tivesse dado um murro no estômago. Sacudiu ligeiramente a cabeça sobre o chão lamacento.

– Não – sussurrou. – Oh, não...

Fúria

Parecia estar a dizê-lo para si mesmo, como se não esperasse que ela o ouvisse. Estendeu a mão para o rosto dela, que tentou mordê-la.

– Ah, Elena... – murmurou ele.

Os últimos restos de fúria, de desejo animal de matar, tinham-lhe desaparecido do rosto. Tinha os olhos aturdidos, aflitos e entristecidos.

E estava vulnerável. Elena aproveitou o momento para se lançar sobre a carne nua do seu pescoço. Ele levantou o braço para travá-la, para a afastar, mas depois voltou a deixá-lo cair.

Olhou-a fixamente por um instante, com a dor dos seus olhos a atingir um ponto gélido e a seguir simplesmente abandonou-se. Deixou de lutar por completo.

Ela sentiu como sucedia, sentiu como a resistência abandonava o corpo dele. Ficou deitado sobre o chão gelado com restos de folhas de carvalho no cabelo, olhando para além dela para o céu negro e coberto de nuvens.

«Acaba com ele», disse-lhe a sua voz cansada na mente.

Elena hesitou por um instante. Havia algo naqueles olhos que evocava memórias dentro de si. Estar de pé à luz da Lua, sentada num quarto num desvão... Mas as lembranças eram demasiado vagas. Não conseguia agarrar-se a elas, e o esforço aturdi-a e deixava-a tonta.

E este tinha de morrer, este dos olhos verdes chamado Stefan. Porque magoara-o, ao outro, aquele que era a razão da sua existência. Ninguém podia fazer-lhe mal e continuar vivo.

Cerrou os dentes sobre a garganta dele e mordeu profundamente.

Apercebeu-se de imediato que não o fazia como devia. Não alcançara uma artéria ou uma veia. Atacou a garganta, furiosa ante a sua própria inexperiência. Era agradável morder algo, mas não saía muito sangue. Contrariada, levantou a cabeça e voltou a morder, sentindo que o corpo dele dava uma sacudidela de dor.

Muito melhor. Desta vez tinha encontrado uma veia, mas não a rasgara o suficiente. Um pequeno arranhão como aquele não serviria de nada. Do que necessitava era de a rasgar por completo, para deixar que o sangue quente e suculento saísse aos borbotões.

A sua vítima estremeceu enquanto ela trabalhava, os dentes a arranhar e a roer. Começava a sentir a carne a ceder quando umas mãos a puxaram, por trás, fazendo-a levantar-se.

Elena grunhiu sem soltar a garganta. Porém, as mãos eram insistentes. Um braço rodeou-lhe a cintura, uns dedos enroscaram-se-lhe nos cabelos. Lutou, agarrando-se à sua presa com unhas e dentes.

– Larga-o! Deixa-o!

A voz era seca e autoritária, como uma rajada de vento frio. Elena reconheceu-a e deixou de forcejar com as mãos que a afastavam. Quando a depositaram no chão e ela ergueu os olhos para o ver, surgiu um nome na sua mente. Damon. O nome dele era Damon. Olhou-o fixamente com expressão colérica, ressentida por ter sido arrancada da sua presa, mas obediente.

Stefan estava no chão a soerguer-se, com o pescoço vermelho de sangue, que também corria pela camisa. Elena lambeu os

Fúria

lábios, sentindo uma pontada semelhante a uma guinada de fome mas que parecia ser proveniente de cada fibra do seu ser. Voltava a sentir-se zozna.

– Pareceu-me – disse Damon – que disseste que estava morta.

Olhava para Stefan, que estava ainda mais pálido do que antes, se é que isso era possível. Aquele rosto branco estava cheio de um desespero infinito.

– Olha para ela – foi tudo o que disse.

Com a mão segurou o queixo de Elena, inclinando-lhe o rosto para cima. Ela devolveu directamente o olhar dos olhos escuros e semicerrados de Damon. Depois, uns dedos longos e finos tocaram-lhe nos lábios, sondando entre eles. Instintivamente, Elena tentou morder, mas não com muita força. O dedo de Damon localizou a curva afiada de uma presa e então Elena mordeu, dando uma dentada parecida com a de um gatinho.

O rosto de Damon era inexpressivo, o olhar, duro.

– Sabes onde estás? – perguntou.

Elena olhou em volta. Árvores.

– No bosque – disse com astúcia, voltando a olhar para ele.

– E quem é aquele?

Ela seguiu a direcção que o dedo dele indicava.

– Stefan – respondeu com indiferença. – O teu irmão.

– E quem sou eu? Sabes quem sou?

Ela sorriu-lhe, mostrando os seus dentes afiados.

– Claro que sei. És Damon, e eu amo-te.